

A PATRIA

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção — Rua de Santa Anna

Orgão republicano do concelho de Ovar

Publicação semanal

Administrador — Sernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURAS

Em Ovar (villa), semestre. 500 réis
 Para fóra da villa, continente e Africa, semestre 600 »
 Brazil, semestre. 700 »
 AVULSO 20 »

Propriedade da Empreza do jornal A PATRIA

Composição e Impressão — Typ. Silba (a vapor), Aveiro

ANNUNCIOS

Primeira publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis.
 Permanentes e reclames, a preços convencionaes.
 COMUNICADOS a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 %
 de abatimento.

ELEITORES!

Ceder o voto aos monarchicos, quer governamentaes quer opositoristas, é sancionar as ignominias que arrastaram a nossa patria á crize angustioza que a assoberba: votar com os progressistas e rejeneradores da Falperra! — "Credito Predial,, pessoal e nacionalmente é uma dezastradissima vilania.

Só a Republica, que em Portugal é a vitoria da moralidade, do civismo; só a Republica, que em Portugal é a justiça, merece, conscienciosos e livres, os vossos votos de homens de bem.

Votae nos candidatos republicanos!

A obriga

Uma consciencia

Num dos comicios admiraveis que os republicanos de Lisboa e circumvizinhanças realizaram, á frente da tribuna, perorando aos labregos inteligentes e voluntariosos do sul, appareceu um padre — o rev.º Esteves Ribeiro. Declarando se republicano sem restricções, atacando, sem rezalza de nenhum jenero, a purulenta monarchia nova, dezassombradamente, essa sacerdote distinguiu que, entre Relijião e Republica, não ha incompatibilidade moral e negação de structura; podendo se sêr padre e republicano militante com inteira aquiescencia da probidade pessoal, numa seriedade de pensar totalmente izenta de malabarices racionantes. Discursando, o padre Ribeiro afirmou, ainda, não o assustar, como sacerdote, a separação; e agrada-lhe, como relijiozo e como cidadão, essa medida que finaliza o imoral e anti-relijiozo conubio do estado com o espirito.

Como se vê, expoz sincera e claramente aquele ministro do altar as suas razões, e como se concorda, desde que haja boa fé na opinião, ele mostrou que não passa alem d'uma burla, quando não de um crime contra Deus como contra os homens, a lenga lenga d'aqueles padres que pelas cinco chagas afirmam vir da republica, para a igreja, o garrote e o panem et circens.

Entre a Republica e a Crença nunca houve, não ha, não pôde haver nunca duelo algum. A primeira o que pretende é estabelecer num pé de justiça integral as coizas

humanas, dar, em materia relijioza, portanto, a cada um o direito de seguir o credo que mais estime ou melhor o engode; ao mesmo tempo que se prontifica e compromete a garantir a todos os feis a liberdade, a segurança, o direito legal do ezercicio do seu culto. Mais papista que o proprio papa, isto é, mais ortodoxa que a mesma Roma, a doutrina republicana dispõe que se adequa a pratica com a ezecução da sentença preceitual de Jezus: — *A Cesar o que é de Cesar e para Deus o que é de Deus pertence*. Precizamente, com inteligente criterio e nobre independencia, o padre que não recuou a acamaradar com os infamados *pedreiros lires* teve corajem, dignidade moral, foi uma consciencia.

Do seu aparelho vocal autorizado e insuspeito não saíram novidades, veio aquilo que em centenas de oportunidades leigos republicanos e livres pensadores não afirmado, mas todas essas verdades, para o grande publico ou, maiormente, para os suspeitosos, só quando estampilhadas pela individualidade dum clerigo digno apparecem, só então abalam preconceitos, e, a pouco e pouco, entreluzem em espiritos virulentamente afectados da catequeze caluniadora.

Por isso o acto de corajem civica e inteireza moral que torna um padre a confissão viva e ezemplificante da verdade, é sempre, entre o decorrer dos fenomenos sociaes, um cazo que tem grandeza, e muito vale para guia na dezorientação que sopra de toda a banda.

Republica e Crença podem viver e não de coezistir sem agravo mutuo, os republicanos afirmando-o, de modo ne-

hum traem seus intuitos intimos, e de maneira alguma asseveram doutrina que se não cumpria.

Ser padre e ser verdadeiramente republicano, ministrar os sacramentos e prégar a nova constituição social, nunca foram coizas antinomicas nem funções incompativeis, pôde-se ser bem e, modelarmente, no mesmo homem, as duas coizas.

Já ser padre e ser galopim, socio de assassinos como os do 5 de abril, e compadre de bandoleiros como os do Credito Predial, já ministrar sacramentos e servir de apoio a oligarquias fundadas na violencia, na extorsão e na iniquidade, já isso, por mais pretextos que se enfileirem, não é compativel com o espirito e a dignificação moral do sacerdote, zeloso da sua honra profissional.

Ainda que pareça um enunciado partidista, lembrado para servir de escora a um sentimento de fãção, o facto é que não se encontra comprehensibilidade aceitavel para o facto de, o padre, ser um politiqueiro monarchico. Já se aceita, porque é comprehensivel, um clero republicano, excluida a circunstancia do padre inteiramente extranho a qualquer politica, todo entregue á manutenção da paz entre os homens, e todo absorto na pratica das melhores virtudes, que isso, sendo o ideal, é sempre o caminho chão que um padre deve preferir. Saído, porém, o clero da função puramente espiritual, e visto que é lejião o numero de padres difamadores da Republica, defendel-a, desfazer a trama de Yago, para um padre, é o melhor serviço á sua patria e aos concidadãos que influencia o seu bom conselho.

Fêl-o aquele padre Esteves Ribeiro, que pelo Ribatejo fóra anda a anunciar a Republica, afirmando sempre a sua qualidade sacerdotal, e é deprimente para o sacerdocio portuguez, que a grande maioria o não faça egualmente, adstricta a uma servidão mesquinha e a uma hipocrizia de facto, revoltante e aviltadora.

Padres honestos, esclarecidos por um juizo são, só dentro da população republicana, por muitos livres pensadores que nela sobrenadem, verdadeiramente se pôdem sentir bem acompanhados, dada a pureza d'aquilo a que viza a nossa conquista.

Estamos a dois dias das eleições, e nós sentimos o côro dos safardanas que tudo pezam no fiel de interesses pessoais, dizendo que o aperto do voto nos leva a fazer *rapapés* ao clero.

Não, santissimos anima lejos; nós sabemos, razoavelmente, o estofo de que é teida a idiozincrazia do padre, e a nossa incomparavel injenuidade não é assim tanta que chegue a fazer nos imaginar... una conversão em massa ás nossas fileiras.

Não indo contra eles temol-os, é certo, contra nós, o que não quer dizer que a vitoria nos fique, assim, hipotetica.

Com a ajuda d'um ou outro padre sincero, e (visto que nós vamos tornando a força indomavel e avassaladora) e... com o auxilio da divindade, havemos de chegar aonde queremos, para a igreja, depois, nos presentear com a adezão da sua agua benta. Mas, até lá, quem poderá contar quantos raios sobre a bela e varonil cabeça do presbitero — republicano.

Antonio Valente.

Convocação

—(*)—

Tenho a honra de convidar para uma reunião, amanhã sexta-feira, pelas 7 horas da tarde, as comissões paroquial e municipal de Ovar, a comissão paroquial de Valega e a direção do Centro Escolar Republicano.

O prezidente da comissão municipal,
 Antonio Valente d'Almeida.

Ovar, 18 de agosto de 1910.

ECOS DA SEMANA

Ontem e hoje

Estavam os escandalos do Credito Predial na berra e ainda ninguem previa que o roubo fosse tamanho que só duma golada engulisse o melhor de 2:500 contos. Governavam os progressistas e abria-se ás tardes o parlamento, não funcionando pela ruidosa obstrucção rejeneradora.

O governo era cumplice de ladroeiros porque não metia os ladrões a ferros, e escorraçavam-no aos gritos de *Fôra! Fôra! Ladrões! Ladrões!*

Todos os rejeneradores, agora ministros, e então impetuosos deputados, violentamente eizijam cadeia! e não citavam de nome José Luciano que não fizessem colar ao chefe governamental a reclamação de *Penitenciaría! Ladrão!* Emfim, tanto berraram e tanto pediram cadeia, que o governo, abandonado do Paço, estatelou-se num trambulhão burlesco. Chamados ao poder calaram-se logo os rejeneradores, passaram a tratar com meuras os predialistas, e ao José Luciano para que pediram a penitenciaría... mandaram um cartão de visitas. O Credito Predial foi dando panos d'amostra bem mais graves que os do tempo do ministerio progressista, e os ministros rejeneradores que reclamavam para certas personalidades: *Cadeia! Tribunaes!*, agora que as revelações se tornavam pezadamente mais graves — não determinavam uma sentença — não metiam ninguem na cadeia.

Considerado isto um minuto;

tirem-nos lá a moral... do conto.

Quichotes

Como ainda não se esqueceram, durante uns dias, aqui ha semanas, os catholicos espanhoes da Biscaia, que são umas biscoas patuças, em trom de guerra decidiram abalar até ao veraneio da côrte, na praia de S. Sebastião. Fim da cruzada mostrarem ao rei o seu *salero de bravis*, e varrerem da face da *gubernation* o hereje do Canalejas. Mansamente avizados a não tentarem a caminhada retorquiram feio e forte que iriam —houvesse o que houvesse e custasse o que custasse.

E que tremesse o governo ante os soldados da cruz, preparados para derramarem na defeza do altar e dos *frailles* até á ultima gota de sangue...

O dia marcado passou parana e encalmadamente, muito pacifico, as subseqüentes jornadas transcorreram tambem sosegadas, muito serenas.

E é já assim que na fanática Espanha o povoleu... morre pela cruz. *Cá marche!*

A bulha

Ainda as eleições não estão feitas e ainda, pois, a abertura do parlamento ninguém sabe... quem a fará, quando se fizer, e já rejeneradores e progressistas se prometem boas e lindas, para as sessões dos dignos representantes da politiquice. A versão rejeneradora é que o governo «com o apoio do paiz e a confiança da corôa», a chapa está no ultimo fio mas aproveita-se, irá ao parlamento «trabalhar», quer as opozições tumultuem quer não; o *ultimatum* opozicionista informa que Teixeira de Souza tendo obtido o governo pelo pau de bater bifés, á morte está condenado logo que abertas as côrtes, sendo o executor da pena de talião a matraca dos nacionalistas mail-o bombo dos progressistas. Tudo isso lhes dá um aspecto de galos irritados, espreitando-se até ao minuto d'ir ás do cabo, mas tudo isso, afinal, que é na balança real?... O certo é que enquanto eles bulham e rallham D. Manuel toma banhos e traça, talvez, horoscopos que setembro e outubro decifrarão.

Ora lembrem-se uns e outros, que, se o homem põe, sua majestade... dispõe.

Eterna leria

Nos seus jornaes o governo tem annunciado que, até hoje, não enveredou pela estrada das prometidas reformas por culpa do bloco, cuja guerra lhe não dá treguas para as medidas radicaes e para o fomento economico. Amanhã, feitas as pazes com os do bloco e tudo reconciliado e amigo, essas mesmas

reformas não serão possíveis porque... as embarçam ou impossibilitam as hostilidades republicanas. E' uma patranhice do corpanzil dum camelo, e escanzelada como um dromedario lazarento, mas a apostar que, assim mesmo, ainda engrançar muito pacovio.

A adoravel injenuidade portuguezinha!

Servos de Deus

Publicada em todos os jornaes, e dada pela *Havas*, a mais reaceonaria das ajencias, lia-se outro dia, d'Espanha:

Madrid, 12, t.—«Telegrafam de Victoria ao *Imparcial* que a policia apreendeu uma carroça cheia d'armas e munições destinadas aos conventos dos frades». E' assim. Fazem a caramunha de perseguidos e vão, surratemente, adquirindo armas e municionamento para varejar os adversarios; dizem-se representantes do que maldisse a violencia e ordenou sofrerem-se injurias e morte abençoando os algozes, e como sistema religioso de rezignação e conformidade não conhecem nada melhor do que a espingarda de tiro rapido. Depois, passada revista aos seus actos, se adrega serem tratados como impostores perigosos, vá de atroarem os ceus com as imprecações contra os impios. Como se lá chegassem as suas vozes, aradas dum fogo d'iniquidade e odio maldito!

Liberalismo governamental

Anda por ahi nas chancelas e nas convenções a cantata de que o governo é o extracto mais fino de ministerios liberaes, contando nas suas pastas homens de tradição e espirito radicacs, e mostrando, entre os seus amigos, o mais gordo liberal do mundo, o nosso conhecido snr. Alpoim.

Precizamente por assim ser, liberal *dum só rosto e uma só fé*, dezagrador de oprimidos e paladino de fracos; justamente por andar noivo embeicado da liberdade, o governo, no circulo de Setubal, aos republicanos mostra-lhes datas de liberalismo... mandando-os meter na cadeia.

As eleições, lá, são entre a monarquia e a republica, e como, mesmo contra todas as traças e pressões e subornos, o partido republicano mantem ali ás posições conquistadas, toca a perseguil-o com prizões e a alvejal-o com ameaças.

Liberalismo monarchico rotativo—de jema!

Dura lex

Discursando sobre as belezas da paz armada que arruina o mundo, tirando o pão á boca dos pobres para o fundir em canhões e *dreadnoughts*, Clémenceau disse aos arjentinos que a guerra é uma coisa maldita, só

conjuravel quando na balança das ambições ou odios adversos pezam os dois lados de modo equal. No seu entender, pois, cada nação, por muito pezado que se lhe torne o encargo, para viver precisa de esquadras no mar e no ar, e exercitos em terra a chegar... e a sobrar.

E' a *dura lex* dos inflexiveis cidadãos da republica romana, atravessando centenas de jerações para vir repetir-se, como no tempo das guerras punicas, atravez da oratoria dum latino do seculo vinte. Remedio para a guerra só um autentico — ter muito e a portos com que a fazer! Mais natural pareceria dizer aos arjentinos... e aos brazileiros, que se deixassem de esquadras e em paz vissem uns com os outros.

Mas o Clémenceau foi ganhar dinheiro...

Jóias da Corôa

Mais uma vez, de Lisboa:

A Junta do Credito Publico reuniu se hoje, em sessão ordinaria, para rezolver o expediente da sua secretaria. No concurso para fornecimento de cambias destinados ao coupon externo de janeiro, a Junta adquiriu 10:000 libras a 4\$812 e 15:000 a 4\$814.

Dá isto, depois da adição total, cento e vinte contos trezentos e trinta mil réis, e não passa, ainda, duma ninharia no *mare-magnum* dos juros a desembolsar. Tambem, em compensação, temos duas rainhas, um reininho que é um amôr, um principe de quilate «arreda», e, na segunda ordem, uma fileira de adeantadores postos com todas as mataduras. Querem-se mais e melhor fôra ezijencia maior da marca... que se contentem os luzos... que se contentem com o luzimento do que se lhes vê.

Pelo Brazil

Continuando a progredir e enriquecer, mais esta nota official sobre o Brazil:—«Durante o 1.º semestre do ano de 1910 as importações elevaram-se a 21 milhões contra 16 milhões, durante o periodo correspondente de 1909; e as exportações elevaram-se a 25 milhões contra 23 do semestre correspondente».

Maior valor na exportação de 4 milhões fechados, e aumento, a distancia dum ano, nas duas balanças, tão importante como se vê. Parece que lá o trabalho é objecto bemdito, e distingue-se, á legua, que a Republica transforma a saltos gigantes a terra, antigamente, da penuria.

A' antiga portuguezia

As ileições, que são nesta hora a preocupação do indijena, estão com ensaios jeraes promissores.

O governo para apanhar votos ás opozições monta, em larga escala, o trabalhinho da compra, e corrompendo, seduzindo, aliciando, não ha burgo nem capital que os seus agentes não corram, a fazer a remonta dos grandes votantes. Para pagar vae toda a moeda:—dinheiro, empregos, titulos, obras; de modo que, ao cabo da faina, somadas todas as compras... e comissões, a verba dos gastos electoraes hade sêr salgada e esticadissima. A completar, nalguns sitios, já se envereda pela violencia, a *ultima ratio* das forças monarchicas mandonas, e mal se rebusca, em outros logares, que, se fôr preciso, como argumento rezolutivo será chamado o cacete. Tudo se ajeta, portanto, a que as eleições sejam decalcadas no molde á antiga portuguezia. Depois dos successos do ano historico que foi 1908, parece uma brincadeira pezada assistir-se ainda a *corridas*.

Bem comentava o Galtier que neste jardim á beira do mar venha o que vier—*sá ne marche pas*.

Inteirados

Magalhães Lima, que agora flana em Paris, segundo referem os jornaes francezes, tem-se dado a conferencias publicas expondo a engrenagem e funcionamento da «ignobil porcaria».

Por muito pouco que o lucido e requintado espirito francez, com os seus habitos d'ordem e de clareza, possa penetrar nos meandros das Azambujas e Peraes, em todo o cazo, *um bloco*, ficsa, para seu governo, que as eleições portuguezas são uma burla ministerial e uma pantomineirice monarchica. Depois desta aquisição conseguida, irá gastar em vão cera e tempo, passado o dia 28, o snr. Teixeira de Souza. E assim dá ao creador a porca da alma, aquela velha saída da exploração do estrangeiro. Já era tempo!...

Um raio... aereo

No *Matin* Stéphane Lauzanne, vem-nos ha dias dando maravilhas das grandes corridas da aviação. Todo o leste da França tem sido sulcado em gloriosas jornadas pelos biplanos, cumprindo minuciosamente um programa, em festas organizadas por grupos de 16 militares e civis. A sorte, desta vez tem-lhes sido menos leviana, havendo *performances* que hão-de ficar celebres, como a de Aubrun batendo, hora e meia, a furia dum vento de tempestade, até ao logar da parajem. Celebres tambem as experiencias d'officiaes, em vôos soberbos atravessando centenaes de kilometros, e tomando notas e procedendo a investigações rigorozas em manobras de campanha. O ar conquista-se definitiva e assombroza-

mente, o que é para o bipede humano um admiravel triunfo.

Pena é que agoirentando-o, se vejam no ar fardas militares, espiando campos, ameaçando cidades, numa preparação horrozosa para a chacina e para o incendio...

Lourdes

A carneirados, por uma exploração torpe da ignorancia triste, lá foram uns milhares de portuguezes baballar os pés da Senhora.

Na malta, com o bispo de Beja, nossos patricios foram tambem, mui-os mal podendo com os cuidados ordinarios da vida e assim desequilibraram seus orçamentos estreitos... sem temerem pouco dinheiros futuro.

Certo, certo, que nada temos com a vida alheia, mas parecemos rasoavel criticar agora, levemente, para mais tarde, fechando a porta nas trombas da beata pedinchona, não podermos ser arguidos de soberbos.

Pois, então...

Porque não...

O senhor administrador, mal subiu ao galarim, botou edital prohibindo montes *d'escaço* em certa área da praia.

Basbacou-se com o feito a nossa rebeldia e se lhe não fomos á portada com gaita e bombas, nem por isso deixamos de tecer-lhe elogio na botica predilecta. Mas na faina da galopinagem, soffrega, inquietante, tem-lhe esquecido regular os transportes do mesmo pelas ruas cá do burgo, o que, assim, seria o complemento da primeira medida.

A's vezes os carros, mesmo nas barbas do meio dia, passem escarninhos seus fedores intoleraveis por ahi e sua excellencia nem vê nem sente, que não lhe passam á porta, os malditos! Não ha disposição de lei que lhe consinta regular o assumpto? Tem? Porque a não applica?

Porque não...

Desfiando

O nosso *espirituoso* collega *Jornal* apresenta-se no numero ultimo com pouco que desfiar. E elle que tem sempre tanto espirito vem d'esta vez muito pobresinho d'elle.

Não dá mesmo que desfiar. Mas esperamos melhores dias porque elle é fonte inexgotavel; é questão de lhe avivarem as nasçenças.

Doeu-lhe o attribuirmos as responsabilidades do caso Mancellos Ferraz á monarchia pôdre que nós aturamos. E por isso mesmo, salta logo com escandalos da republica franceza.

Principiaremos por mais uma vez repetir que esses erros só serviriam para nos acautellar

(1) Folhetim

EÇA DE QUEIROZ

Memorias D'Uma Forca

Foi por um modo sobrenatural que eu tive conhecimento deste papel, onde uma pobre forca apodrecida e negra dizia alguma coisa da sua historia. Esta forca intentava escrever as suas trajicas *Memorias*. Deviam sêr profundos documentos sobre a vida. Arvore, ninguém sabia tão bem o misterio da natureza; forca, ninguém conhecia melhor o homem. Nenhum tão espontaneo e verdadeiro como o homem que se torce na ponta de uma corda—a não sêr aquele que lhe carrega sobre os hombros! Infelizmente a pobre forca apodreceu e morreu.

Entre os apontamentos que deixou, os menos completos são estes que copio—resumo das suas dores, vaga apparencia de gritos instinctivos.

Pudesse ela ter escrito a sua vida compleca, cheia de sangue e de melancolia! E' tempo de sabermos, emfim, qual é a opinião que a vasta natureza—montes, arvores e aguas, fazem do homem imperceptivel.

Talvez este sentimento me leve ainda algum dia a publicar papeis que guardo avaramente, e que são as *Memorias d'um Atomo* e os *Apointamentos da Viagem d'uma Raiz de Cipreste*.

Diz assim o fragmento que eu copio—e que é simplesmente o prologo das *Memorias*:

«Sou d'uma antiga familia de Carvalhos, raça austera e forte—que já na antiguidade deixava cair, dos seus ramos, pensamentos para Platão. Era uma familia hospitaleira e historica: d'ela tinham saído navios para a derrota tenebroza das Indias, contos de lanças para os alucinados das cruzadas, e vigas para os tectos simples e perfumados que abrigaram Savanarola, Espinosa e Lutero. Meu

pae, esquecido das altas tradições sonoras e da sua heraldica vejeta, teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres moraes antigas, nem a ideal tradição relijiosa, nem os deveres da historia. Era uma arvore materialista.

Tinha sido pervertida pelos encicopedistas da vejetação. Não tinha fé, nem alma, nem Deus! Tinha a relijão do sol, da seiva e da agua. Era o grande libertino da floresta persativa. No verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de passaros boemios, cuspiu a chuva sobre o povo curvado e humilde das hervas e das plantas, e, de noite, enlaçado pelas heras lascivas, resonava sob o silencio sideral.

Quando vinha o inverno, com a passividade animal d'um mendigo, erguia para a impassivel ironia do azul os seus braços magros e suplicantes!

Por isso nós, os seus filhos,

não fomos felizes na vida vejeta. Um dos meus irmãos, foi levado para sêr tablado de palhaços: ramo contemplativo e romantico, ia, todas as noites, sêr pisado pela chufa, pelo escarneo, pela farça e pela fome! O outro ramo, cheio de vida, de sol, de poeira, aspero solitario da vida, lutador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado d'entre nós para sêr taboa d'esquife!—Eu o mais lastimavel vim a sêr forca!

Desde pequeno fui triste e compassivo. Tinha grandes intimidades na floresta. Eu só queria o bem, o rizo, a dilatação salutar das fibras e das almas. O orvalho de que a noite me banhava, atirava-o a umas pobres violetas, que viviam por baixo de nós, doces raparigas lutozas, melancolias condensadas e vivas da grande alma silencioza da vejetação. Agasalhava todos os passaros na vespera dos temporaes.

Era eu quem aiclava a chuva. Ella vinha, com os cabelos esgue-delhados, perseguida, mordida, retalhada pelo vento! Eu abria-lhe

as ramajens e as folhas, e escondia-a ali, ao calor da seiva. O vento passava, confundido e imbecil. Então a pobre chuva, que o via longe, assobiando lascivo, deixava-se escorregar silenciosamente pelo tronco, gota por gota, para o vento a não perceber, e ia, de rastos, por entre a herva, acolher-se á vasta mãe Agua! Tive por esse tempo uma amizade com um rouxinol, que vinha conversar comigo durante as longas horas consteladas do silencio. O pobre rouxinol tinha uma pena d'amôr! Tinha vivido n'um paiz distante, onde os noivados tem mais moles preguiças: lá se enamorára: comigo chorava em suspiros liricos.

E tão mistica pena era que me disseram que o triste, de dôr e desesperança, se deixara cair na agua.

Pobre rouxinol! Ninguém tão amante, tão viuvo e tão casto!

(Continúa.)

numa futura republica portugueza se d'elles se não tirasse melhor exemplo.

E' que em França ha ladrões como cá, mas vão para a cadeia e não ficam a dirigir partidos.

Queremos que o collega desfie todas essas ladroeiros, mas é favor indicar o destino que a republica deu aos seus auctores. E para completar esse bello estudo comparativo, póde depois dizer-nos o que se fez e onde pára o *Conselheiro* Espregueira, onde o *immaculado Conselheiro* Governador do Crédito Predial, onde os *conselheiros adeantadores* e os *idem* adeantados.

Um dos mais meritos adeantadores sabemos nós que está... não na Penitenciaria, mas na Presidencia do Conselho de Ministros. Começa tudo por a mesma lettra: é o P.

Incoherencias. O *espirituoso* n'um ponto arranja-nos uma *união* em outro uma *cisão*.

Para provar a união cita Zola: erudição no caso. E o peor é que nos obriga mais uma vez a confessar ignorancia. O collega lá sabe o que diz. Mas que diabo de coincidência: no numero em que faz essas afirmativas vê-se na necessidade de pedir a quem fôr tanto lá de casa—o snr. dr. Medeiros—que lhe não troque o sexo. Que não é *Folha* é *Jornal* e accrescenta: nada de confusões.

Reponha as coisas no seu estado que não vão começar por ahí a cantar-lhe o *Trovador*.

A respeito de *cisão* diz que «o dito, dito».

Falta accrescentar:

é de pau o copo,
é de pau e bem bonito.

Ficamos pois, quer queiramos quer não com costas e camachos cá em casa, e, segundo a sua opinião estes ultimos são a parte sã.

Por lá é que ha só uma qualidade e como sômos generosos queremos collocar-os na melhor: são *guemachos*.

E ahí está applicado *el cuento*, *espirituoso* collega.

ARA

Suspiro d'Alma

Suspiro que nasce d'alma,
que á flor dos labios morreu...
Coração que o não intende,
não n'ó quero para meu.

Falou-te a voz da minha alma,
a tua não n'a intendeu:
Coração não tens no peito,
ou é dif'rente do meu.

Queres que em lingua da terra
se digam coizas do ceu?
Coração que tal dezeja,
não n'ó quero para meu.

Almeida Garrett.

PROPAGANDA ELEITORAL

A Comissão paroquial republicana de Valega, que denodadamente afirma a sua irreductibilidade republicana, vae distribuir, no domingo proximo, manifestos eleitoraes ao povo de Valega e de S. Vicente.

Por sua vez a comissão municipal, fez distribuir no domingo findo «Aos Eleitores do Concelho d'Ovar» o manifesto seguinte:

Progressistas e rejeneradores andam a pedir votos e, certamente, para esse fim, já vos bateram á porta.

Vós deveis votar, é certo, porque é esse o dever, e porque na actual conjunctura de crize nacional a abstenção, o ficar em caza, equivalem a um crime de cobardia que envilece quem o pratica. Deveis ir ás eleições, porque o voto é o exercicio da soberania, que, por direito, só a vós pertence; mas votando reflecti na significação do acto a que vos convidam.

Ora a votardes nos progressistas daes a consciencia aos adeantadores que esbulharam a nação em beneficio dos reaes palacios e das quadrilhas dos comedores que vivem do suor do povo; votando no partido de José Luciano votaes nos homens que arruinaram o Crédito Predial, tornando-vos cumplices de ladroeiros e crimes de leza-patria, o que é tenebroso e vil.

Se são rejeneradores que vos pedem estareis na mesma: eles são, como os progressistas, auctores d'adeantamentos—milhares e milhares de contos no sorvedoiro!—e no descalabro do Crédito Predial tem responsabilidades e crimes não menores que os dos progressistas.

Assim, dar o voto a progressistas ou rejeneradores é, nem mais nem menos, fazer cauza comum com o latrocinio, sancionar a immoralidade—defender o roubo. E' passardes folha corrida de competencia e honradez aos homens que pelos adeantamentos que decretaram, e pelos desfalques do Crédito Predial, que consentiram, para sempre se tornaram incompatíveis com a camaradagem de homens de bem: e isso, na verdade, redundaria n'uma baixeza que circumstancia alguma perdoa.

Progressistas, rejeneradores, quaisquer monarchicos—cumplices das mesmas malfetorias, reus inconvertiveis dos mesmos crimes, uns e outros deveis guerreal-os, votando contra todos eles.

O partido republicano, cuja historia é a abnegação, o sacrificio e o patriotismo personificados; o partido republicano que é a fiscalização rigorosa e inexoravel, unido e forte, vem tambem ás urnas, apresentavos os seus candidatos, representativos da honestidade, da seriedade, e da impoluição de caracteres. Dae-lhes o vosso voto—que dignamente procedereis.

Eleitores! Votae pelos candidatos republicanos.

Os bons pastores

Foi na Galiza que se deu o cazo, e vem em narrativa de *O Primeiro de Janeiro*, diario que se não é orgão do nacionalismo, não é tambem radical, antes se póde afirmar periodico conservador.

Merece pois credito, dada a insuspeita fonte de que dimana, credito aos catholicos, é bem de vêr... Isto advertido, extratemos d'aquelle jornal a noticia que lá saiu sob o titulo:

CASO ESTUPENDO

Estava ouvindo missa na igreja da Trindade, Orense, uma pobre mulher, tendo nos braços, adormecido, um filhinho de seis mezes, quando o sacristão se lhe dirijiu, dizendo:

— Saia da igreja!
— Porquê? — interrogou a mulher, surpreendida.
— Porque não póde estar aqui com creanças.
— Mas o menino não chora, não incomoda ninguém.
— Saia, já lhe disse.
— Não saio; não vejo motivos para isso.

Retirou-se ameaçador o sacristão e, pouco depois, appare-

cia o capelão, dirijindo-se á mulher nos mesmos termos:

— Saia!
— Já disse que não saio, porque o menino não chora e, portanto, não incomoda ninguém, repito.
— Não póde trazer para aqui creanças.
— Mas eu sou pobre e não tenho a quem confiar o meu filho, enquanto venho á missa.
— Pela ultima vez: sae ou não sae?
— Pela ultima vez: não saio enquanto a missa não acabar.
— Não?
— Não.

Em vista desta resposta deciziva, o capelão não esteve com meias medidas: arrancou-lhe a creança dos braços e foi collocá-la no atrio, de pé, encostada a uma parede. E' claro que uma creança de seis mezes não se podia suste e caiu, ferindo-se na cabeça.

O padre que praticou esta vilania não é o primeiro que barafusta por vêr mulheres com creanças nos templos, ainda que, de factos de que não haja chegado noticia, nenhum conheçamos que arranque os infantes ao colo das mães, atirando-os como se fossem cachorros, á rua. Este, porém, é completo e ezeplificativo, tratando-se, demais a mais, de sacerdotes que se arrogam cristãos.

Jesus Cristo, quando d'ele queriam retirar as creanças, reprendia os seus discipulos pezadamente, dizendo-lhes: «deixae virem a mim os pequeninos».

O capelão Aruculento de Orense, entende que relijiozo e humano é escorraçar as creanças do templo de Deus que as acarinhou, revela-se nisso um catolico ortodoxo digno d'uma mitra.

A façanha, inquestionavelmente, dá-lhe direito a logar de tom, é uma pena aquella serafica e virtuozza existencia consumir-se, secundariamente, a tirar os filhos ás mães para os arrastar até fóra do templo.

Canonizem-o, se quer ao menos.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Faz annos no dia 23 o nosso estimado amigo Antonio Carlos d'Araujo Sobreira.

Cordealmente o felicitamos.

Para uso d'aguas, partiu segunda-feira para Luso o nosso querido amigo dr. Antonio Baptista Zagallo dos Santos.

Vinda de Lisboa, chegou ao Furadouro com seus filhinhos, para banhos, a snr.^a D. Celeste Magalhães Carrelhas.

Tambem se encontram n'aquella praia, com suas familias, os snrs. dr. Francisco Ferreira d'Araujo, Antonio Dias Simões, Manuel Valente d'Oliveira, João Antonio de Carvalho, Francisco d'Oliveira Salvador e familia Francisco Villas.

Com poucos dias de demora, partiu segunda-feira para a capital o nosso respeitavel amigo snr. Commendador Manuel Pereira Dias.

Acompanhado de seus filhos Bernardino e João, partiu terça-feira para Lisboa o habil constructor naval snr. João de Oliveira Gomes Silvestre.

De Lourdes devem chegar ámanhã, completamente restabelecidos, os nossos conterraneos Antonio Gomes da Silva e Domingos Pereira Tavares.

Com um ataque de reumatismo, guarda o leito o nosso presado amigo Antonio Gaioso

de Penha Garcia, considerado director das officinas do caminho de ferro n'esta villa.

Appetecemos-lhe o restabelecimento.

Encontra-se entre nós, onde veio passar alguns dias, o snr. Luiz de Mello Freitas Pinto.

Theatro

A companhia dramatica de Maria Falcão e Pato Moniz, sabado, domingo e segunda-feira, tendo aportado, por um vento de fortuna, a terras d'Ovar, deram no nosso teatrinho trez magnificas recitas. O *Kean*, o *Rozas de todo o ano*, os *Vinte Dias á Sombra* e o *Envelhecer*, levados em trez recitas, deliciaram os gulozos de bom teatro, que os ha, e dos bons, cá pela parvonía.

Muito a correr diremos que o espetaculo de sabado fracamente concorrido, agradou pelo desempenho e pela peça—obra do velho arsenal romantico, mas sempre bemquista das plateias—e que as de domingo e segunda-feira—boas cazas, deixaram impressão magnifica.

Sobretudo a recita de segunda-feira,—*O Envelhecer*, excellentemente desempenhada, agradao absolutamente. A peça é dos melhores trabalhos do mestre do drama portuguez, aquele illustre Marcelino de Mesquita, e Maria Falcão vencendo-lhe as escabrozidades, mostrou-se, lejitimamente, digna do laureado nome que conquistou.

Reconheceu-o a plateia festejando-a demorada e amorozamente, grata pela noite de boa arte que a bela mulher de teatro, lhe deixou na hora da despedida.

Se cá tornassem na voltadando uma parajem mais á *tournee*...

Um registo civil

Apesar de toda a presão conservantista, opondo-se dezesperadamente á affirmação d'actos de libertação, Ovar, assistiu, ha dias, ao primeiro registo civil de nascimento celebrado nesta villa.

E' o primeiro passo ostensivo de livre pensamento, que é possível ezacerbe os catholicos, mas que não manifesta intuito agresivo: o registo civil é a unica sanção social aceitavel para os não conformistas com as coizas catholicas, e não é isso por agresão, é isso, tão só, por logica e correção de convicções.

Isto dito, e afirmado, para desfazer provaveis insidias, que o registo de que tratamos não foi mais do que a manifestação pessoal e liberrima da vontade e sentimentos do declarante, isto ficado, vamos ao relato da cerimonia:

Para as 11 horas da manhã tinha sido marcado, e a essa hora o pae da creancinha, o snr. Manoel de Pinho Alano acompanhado de sua espoza, da creança e das testemunhas, encontrava-se na séde da administração. Acompanhava-o o nosso querido amigo e sincero livre pensador ex.^{mo} snr. Manoel Pereira Dias e sua ex.^{ma} espoza e irmã; que, como testemunhas, vinham dar ao acto a solemnidade requerida e afirmar a sua solidariedade com os corajozos conjuges. Tinham vindo da sua esplendida vivenda do Furadouro e eram aqui esperados pelo director desta folha, Manoel Nunes Branco, Manoel Gomes Pinto e Antonio Ramos que assistiram ao registo.

A's 11 horas reunidos todos na administração do concelho, e na prezença das testemunhas, procedeu a autoridade administrativa á inscrição da recemnada que fica no registo com o nome de—Otilia.

Assinados os autos conclusa estava a cerimonia.

Pela primeira vez depois de dezenas d'anos os livros do registo civil eram abertos e escripturados em Ovar, e isto conse-

guira-se, apenas, pela vontade inflexivel e espontanea de dois esposos.

Cumprimentamol-os pela cerimonia, e associamo-nos ao seu acto de corajem civica.

Fallecimentos

Em avançada idade falleceu na passada terça-feira em Paços de Brandão, o conselheiro Joaquim d'Almeida Correia Leal, juiz do Supremo Tribunal de Justiça e que ha largos mezes se achava doente, sendo o seu fallecimento já esperado.

O conselheiro Correia Leal foi despachado delegado do Procurador Regio para Ovar, quando a comarca foi creada em 31 de dezembro de 1853; veio installá-la em 23 de fevereiro de 1854 com o primeiro juiz José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, pae do celebre escriptor Eça de Queiroz.

O finado que era tido como um magistrado sabedor e digno, gosava em Ovar de muitas sympathias e contava com bastantes amigos n'este concelho.

Em Cascaes falleceu na passada semana, após longo padecimento, a snr.^a D. Anna de Araujo Sommer, esposa do importante commerciante snr. Henrique de Sommer e cunhada do snr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Misericordia d'Ovar

A Meza da Misericordia de Ovar recebeu do Rio de Janeiro a quantia de cem mil réis fortes que lhe remetteu o nosso conterraneo Manoel Lopes da Silva, estabelecido n'aquella cidade, producto d'uma subscrição de sua iniciativa e que consta das seguintes listas:

1. ^a a cargo do iniciador	
Manoel Lopes da Silva	30\$000
Manoel Peixoto dos Santos	20\$000
Rodrigues Pires & C. ^a	20\$000
Adão Gaspar & C. ^a	20\$000
A. Paes de Souza & C. ^a	20\$000
Uma assignatura illegivel	10\$000
Manoel Casimiro & C. ^a	10\$000
Antonio Coelho d'Oliveira	10\$000
Robalinho Irmão	10\$000
Anselmo Patricio & C. ^a	10\$000
Antonio Pereira Maia	10\$000
J. Sá & C. ^a	10\$000
Azamôr Guimarães Azevedo	10\$000
José Gomes	10\$000
Abel Rodrigues & C. ^a	5\$000
Réis	205\$000
2. ^a lista a cargo do iniciador	
Manoel Lopes da Silva	20\$000
Vieira d'Albuquerque	10\$000
Carmino Cassenza	10\$000
Custodio José dos Santos	10\$000
Placido da Costa	5\$000
José Soler	5\$000
Eugenio Brun & C. ^a	5\$000
Carlos Alberto Ferreira	5\$000
Eusebio Lorenzo	5\$000
Antonio Guintão	5\$000
Réis	80\$000
3. ^a lista a cargo do snr. Manuel Peixoto dos Santos	
Eduardo Manceca	2\$000
Manuel Ogando	1\$000
Rainha	1\$000
José Guerra	1\$000
Domingos d'Oliveira	1\$000
José Alves	1\$000
Armindo	1\$000
Joaquim	3\$000
Réis	11\$000
4. ^a lista a cargo do snr. Francisco Alves Gomes	
Francisco A. Gomes	2\$000
Manuel Lopes	1\$000
Domingos Alves Gomes	500
Adriano Cazemiro	1\$000
Abilio Augusto	500
José de Jesus	500
Manuel da Silva	500
João de Carvalho	500
José Correia	500
Malaquias	500
Lucas Rodrigues	500
A. Miranda	500
Francisco	500
J. Larangeira	500
Gregorio Simões	500
José Amador	500
Luiz Gorrilhas	500
Gorrilhas	500
José Maria Lopes	500
José Rodrigues	500
João Augusto Pereira	1\$000
Alvaro Lopes	500
Manuel Maria	1\$000
Réis	15\$000
Total 311\$000 réis que ao cambio do dia produziram réis fortes 100\$000.	

INDICAÇÕES PARA TODOS

Comercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$800 a 4\$840 rs. Valor da libra, papel, de 4\$775 a 4\$800 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4 — Londres, valor da libra, 15\$736 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$736 réis, produz em Portugal, ao cambio de 50 1/4—4\$776 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiro, a esta taxa, produzem 31\$000 réis, moeda portuguesa.

Preços dos generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qual., 15 k. 1\$300 rs. 2.ª " " 15 " 1\$250 "

BAIRRADA

1.ª qual., 15 k. 1\$200 " 2.ª " " 15 " 1\$150 " 3.ª " " 15 " 1\$100 " Batatas, 15 kilos..... 300 " Centeio, 20 litros..... 700 " Fava, 20 litros..... 600 " Farinha de milho, 20 l. 740 " " trigo, 1.ª qual. kilo. 103 " " 2.ª " " 93 " " cabecinha " " 62 " " semente superfina " " 40 " " grossa..... 38 " Feijão vermelho, 20 lit. 900 " " branco, 20 " 900 " " mistura, 20 " 700 " Milho branco, 20 " 700 " " amarello, 20 " 670 " Ovos, duzia..... 140 " Tremoço, 20 litros... 380 " Azeite, 1.ª qual., litro. 340 " " 2.ª " " 300 " " 3.ª " " 280 " Alcool puro, 26 litros. 6\$760 " Aguard. de vinho, 26 l. 4\$420 " bagaceira, 26 litros. 3\$460 " figo, 26 litros... 2\$600 " Geropiga fina, 26 litros 2\$340 " baixa, 26 " 1\$690 " Vinho tinto, 26 litros. 800 " " branco, 26 " 900 " " verde, 26 " 900 " Vinagre tinto, 26 " 700 " " branco, 26 " 1\$000 "

No Furadouro

EMPRESAS DE PESCA

«Companha Boa Esperança», «Companha d'Espinho», «Companha do Socorro», «Companha S. José», «Companha S. Pedro».

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Vales até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 5,52 da manhã e 6,16 da tarde e para o Sul pelo das 7,50 da manhã e 10,24 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespânia

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias..... 25 réis

Idem (idem, idem), cada 15 gr., ou fracção para Hespânia..... 25 réis

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 2 1/2 rs.

Impressos (peso maximo

2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr..... 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção..... 5 réis

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção..... 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespânia

Cartas, até 20 gr..... 50 réis

" cada 20 gr. ou fracção 30 " Bilhetes postaes: cada 20 " 20 "

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção..... 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um..... 50 réis

Registo—50 réis, além do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado—Premio do seguro, além do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 réis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volum

me maximo 25 decímetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centímetros, nem inferior a 10 centímetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil; 250 réis até 4 kil; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kil.

Vales do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 rs., 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emittidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10 " 10\$001 " " 50\$000 " 20 " 50\$001 " " 100\$000 " 30 " 100\$001 " " 250\$000 " 50 " Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 50 Valor não conhecido ou declarado..... 500 Cheques ao portador..... 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 " 20\$001 " " 50\$000 " 50 " 50\$001 " " 250\$000 " 100 " Cada 250\$000 réis a mais ou fracção..... 100

A mais de 8 dias de prazo

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 " 20\$001 " " 40\$000 " 40 " 40\$001 " " 60\$000 " 60 " 60\$001 " " 80\$000 " 80 " 80\$001 " " 100\$000 " 100 " Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20 " 20\$001 " " 100\$000 " 100 " Cada 100\$000 réis a mais ou fracção..... 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Thesoureiro—Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Commandante—Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna..... 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores 5 " Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta 6 " Bairro d'Arruella até á Poça..... 7 " Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Vilha—Pinheiro e Brejo..... 8 " Ponte Nova—Ponte Reada e Soberal 9 " Estação Pellames.. 10 " Estação—Cima de Villa e logares vizinhos..... 11 " Ribeira..... 12 " Assões—Granja e Guilhovae..... 13 " Furadouro..... 14 "

Para cessar—3 badaladas

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro—Manoel José dos Santos Anselmo.

Cartorario—Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico—Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Bibliotheca Escolar

Aberta das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, nos mezes de Maio a Setembro, e das 6

ás 9 da noite, nos mezes de Outubro a Abril.

Nos Domingos e dias Sanctificados estará aberta só de noite.

Comissão de Beneficencia Escolar

Presidente—Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria—D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro—Dr. João Maria Lopes.

Armazens de Vinhos

Afonso José Martins.

Antonio da Silva Brandão Junior. Carrelhas & Filho, Successor. Manoel Ferreira Dias. Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pinto Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Viuva de José Maria Pereira dos Santos, do Banco de Portugal.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia Portugal.

João José Alves Cerqueira, das Companhias Indemnizadora e Probidade.

João da Silva Ferreira, da Companhia Garantia.

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias Fidelidade e Union y el Fenix Hespagnol.

José Luiz da Silva Cerqueira, da Companhia Internacional.

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João de Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Afonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues de Figueiredo, Manoel Valente de Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias)—Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitada, Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Hoteis e Hospedarias

Cadete—Estação, Canastreiro—Rua de St.ª Anna, Central—Rua da Praça, Cerqueira—Furadouro, Jeronymo—Largo do Chafariz.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa—Praça, José Garrido—Rua dos Campos.

Mercearias

Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo—Rua do Bajunco, Viuva Cerqueira—Praça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo e Laranjeira, Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Padarias

A Panificadora, Carlota, Ovarense, Patria.

Recebedoria

Recebedor—Antonio Valente Campadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva, Manoel d'Oliveira da Cunha.

Horario dos comboios

DESDE 15 DE MAIO DE 1910

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

Estações	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Exp.	Mix.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	4,15	5,19	6,35	7	8,50	9,39	11,20	2,14	3,6	—	5	5,11	6,26	8,45
Campanhã	4,25	5,30	6,50	7,10	9	9,55	11,31	2,25	3,31	3,52	5,11	5,20	6,35	9,5
Gaya	4,38	5,43	7,1	7,22	9,11	10,14	11,45	2,39	3,41	4,29	5,21	5,29	6,47	9,24
Valladares	4,49	5,54	7,9	7,33	—	10,25	11,57	2,51	3,41	4,44	—	—	6,58	9,34
Granja	5,4	6,9	7,19	7,48	9,23	10,43	12,14	3,8	3,58	4,50	5,33	5,47	7,13	9,42
Espinho	5,12	6,17	7,27	7,56	9,29	11,49	12,23	3,14	4,5	5,7	5,39	5,56	7,21	9,55
Esmoriz	5,23	6,31	7,35	8,9	—	11,2	12,36	3,29	4,13	—	—	—	6,17	7,41
Cortegaça	5,31	6,36	—	8,14	—	11,7	12,41	3,34	—	—	—	—	6,22	7,45
Carvalheira	5,36	6,41	—	8,20	—	11,11	12,45	3,39	—	—	—	—	6,27	7,55
OVAR	5,47	6,51	7,51	8,31	—	11,21	12,57	3,49	4,31	6,2	—	—	6,40	10,24
Valleja	5,51	—	7,56	8,47	—	11,29	14	3,56	—	—	—	—	6,46	—
Avanca	6,1	—	8,1	8,42	—	11,35	14,1	4,1	—	—	—	—	6,46	—
E tarreja	6,13	—	8,13	8,55	—	11,49	14,22	4,14	4,51	6,36	—	—	7,1	10,45
Aveiro	6,40	—	8,37	9,21	11,5	12,11	14,38	4,40	5,11	7,12	6,14	7,27	—	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Estações	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Mix.	Tr.	Tr.	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,7	—	7,12	8,21	9,50	11,21	2,5	2,20	3,37	6	—	9,57	10,28
Estarreja	4,25	5,30	—	7,42	9,10	10,21	11,49	—	2,50	3,58	6,30	—	10,23	10,53
Avanca	4,36	—	—	7,53	—	10,31	12	—	3,1	—	6,41	—	—	—
Vall-ga	4,42	—	—	7,59	—	10,37	12,7	—	3,7	—	6,47	—	—	—
OVAR	4,50	5,52	7,20	8,6	9,55	10,44	12,15	—	3,14	6,17	6,54	8,30	—	11,12
Carvalheira	5	—	7,31	8,17	—	10,55	12,26	—	3,25	—	7,5	8,41	—	—
Cortegaça	5,6	—	7,36	8,22	—	10,59	12,31	—	3,30	—	7,10	8,46	—	—
Esmoriz	5,12	6,5	7,41	8,27	—	11,5	12,36	—	3,35	6,32	7,15	8,52	—	11,27
Espinho	5,29	6,17	7,58	8,43	10,26	11,21	12,51	2,39	3,50	6,45	7,30	9,10	10,36	11,36
Granja	5,35	6,26	8,4	8,49	10,42	11,47	12,58	2,45	3,56	6,52	7,36	9,16	10,42	11,40
Valladares	5,54	6,38	8,23	—	11,4	11,45	1,18	—	4,13	7,6	7,53	9,33	—	11,54
Gaya	6,12	7	8,39	9,9	12,12	12	1,33	—	4,26	7,27	8,8	9,48	10,59	12,7
Campanhã	6,23	7,11	8,50	9,18	12,26	12,10	1,45	3,8	4,37	7,41	8,19	9,39	11,7	12,16
S. Bento	6,34	7,31	9,2	9,32	—	12,22	1,57	3,18	4,47	7,55	8,27	10,8	11,17	12,36